

O amor lésbico como amor-erótico: discursos presentes nos textos literários do Amazon Kindle e Wattpad

Ana Gabriela da Silva Vieira¹
Marcio Caetano²

Resumo: Para além das obras renomadas e dos escritores e escritoras aclamados pela crítica, existem outras formas de literatura, algumas delas bastante vinculadas ao entretenimento. É o caso da literatura virtual, ou seja, textos literários publicados em plataformas digitais e popularizados a partir da internet. Neste artigo, analisam-se livros em formato *e-book*, publicados por autoras independentes (sem selo editorial) em plataformas digitais – mais especificamente o *Amazon Kindle* e o *Wattpad*. Os textos literários estudados fazem parte de uma literatura virtual lésbica, tratando do tema do amor entre mulheres. Nesta pesquisa, investigaram-se os discursos presentes na literatura virtual lésbica com o objetivo de pensar que modos de amar estão sendo constituídos a partir dos enunciados que compõem os textos literários. Encontrou-se funcionando um enunciado que entende o amor lésbico enquanto um amor-erótico, ou seja, um amor que se dá de forma vinculada ao desejo, à atração e, também, ao sexo.

Palavras-chave: Literatura virtual. Lésbica. Amor. Erótico.

¹ Doutora em Educação. Universidade Federal de Pelotas. ags.21@hotmail.com

² Doutor em Educação. Universidade Federal de Pelotas. mrvcaetano@gmail.com

Quando pensamos em literatura, por vezes, a palavra nos remete ao cânone literário, ou seja, a um conjunto de obras vistas como socialmente relevantes (no contexto de um país ou até globalmente). Pensamos logo em livros considerados geniais e cuja importância artística faz com que esses textos permaneçam a ser estudados ao longo dos séculos. Pensamos em autores ou autoras de alguma forma reconhecidos(as) ou até aclamados(as) pelos discursos da crítica literária.

Não é disso, porém, que se trata este artigo. Aqui falamos de textos literários cujas autoras não são grandes nomes da literatura, são apenas mulheres comuns que se interessam por escrever e compartilhar aquilo que escrevem. Não falamos nem mesmo de livros que “imortalizaram-se” em páginas de papel, mas de uma literatura que experimenta a efemeridade do virtual. Uma literatura que não se pretende como obra de arte, mas que se propõe como entretenimento nas mídias digitais.

A pesquisa da qual tratamos neste artigo estudou duas plataformas on-line, o *Wattpad* e o *Amazon Kindle*, nas quais é possível que qualquer pessoa publique seus livros, sem o aval ou suporte de nenhuma editora, além de os editar e modificar em qualquer tempo, conforme o autor ou a autora preferir. Assim, são textos literários que emergem na cultura das mídias, no ciberespaço, no contexto do que chamamos de Cultura Pop – que, embora seja frequentemente vista como mercadológica, inferior ou até mesmo alienante, pode empregar um papel significativo na constituição de resistência por grupos minoritários que, por vezes, não conquistam espaço em manifestações culturais entendidas como “eruditas” ou “cultas”.

No caso dos textos literários que estudamos, tratam-se de livros de literatura lésbica, publicados de forma gratuita ou vendidos no meio virtual, no formato *e-book*. Olhamos para esses textos buscando entender de que modos a literatura virtual lésbica é pedagógica na constituição de formas de amar e de vivenciar o erótico. Para isso, dividiremos o artigo em três seções: a primeira para traçar algumas considerações acerca dessa literatura virtual lésbica da qual falamos; a segunda para estabelecer um referencial teórico-metodológico com o qual operamos na pesquisa; e a terceira para

discutir os resultados de nossa investigação, a saber, como essa literatura lésbica virtual e de entretenimento nos permitiu pensar em práticas de resistência, a partir da constituição de um amor-erótico.

A literatura virtual lésbica

Plataformas digitais de leitura permitem novas formas de escrever, publicar e ler textos literários. Entendemos essa literatura como virtual não somente na medida em que ela é acessada pelas telas de celulares e/ou dispositivos *e-readers* (ao invés dos tradicionais livros impressos em papel), mas também por ser desterritorializada, sem estar vinculada a nenhum lugar específico, podendo existir em diferentes locais, em diferentes momentos (LÉVY, 2010).

Para Lévy (2011), todo texto é virtual, dado que pode ser continuamente atualizado a partir de cópias, comentários e traduções, porém, ao estar em uma plataforma digital, a virtualidade do texto tornar-se ainda mais expressiva na medida em que se permite constantes alterações no texto, que se qualificaria como o que o autor chama de obra-acontecimento. Nas duas plataformas estudadas, é permitido que as escritoras e os escritores modifiquem seu texto a qualquer momento, levando – no espaço de alguns cliques – essas modificações para todos os leitores e as leitoras de forma imediata.

No caso do *Wattpad*, trata-se de uma plataforma gratuita de leitura, na qual escritores e escritoras publicam seus livros capítulo a capítulo, e as pessoas que acompanham a história são capazes de comentar e até interagir entre si nos comentários feitos aos textos literários. A qualquer momento, o escritor ou a escritora pode inserir capítulos novos ou alterar partes do texto dos capítulos já publicados.

O *Amazon Kindle* funciona em um sentido diferente. Trata-se de uma plataforma maior e que trabalha com a venda ou o empréstimo de *e-books* (esse último disponibilizado a partir de um plano de assinatura). Após comprar ou pegar emprestado

o *e-book* no site da Amazon, a pessoa leitora tem acesso ao texto a partir do aplicativo chamado *Amazon Kindle*, que pode ser baixado em dispositivos eletrônicos, como *smartphones* e *tablets*. O leitor ou a leitora é capaz de deixar avaliações que podem ser acessadas por qualquer pessoa, mas não existe o mesmo tipo de interação no decorrer do texto como no *Wattpad*. A forma de publicação no *Amazon Kindle* é feita com o texto completo (não a cada capítulo, como é no *Wattpad*), mas também permite que o escritor ou a escritora modifique o arquivo do texto, fazendo com que essas alterações apareçam não só para novos leitores ou leitoras, mas também para quem já comprou ou pegou emprestado o livro anteriormente.

Ainda sobre essa literatura virtual lésbica da qual falamos neste artigo, cabe ressaltar que se trata de publicações independentes (o termo é utilizado com frequência por escritores e escritoras para qualificar publicações feitas sem um selo editorial). Ainda que o *Amazon Kindle* também proporcione a leitura de *e-books* comercializados por editoras, não é desses que tratamos nesta pesquisa.

Nomeamos os textos literários estudados como literatura virtual lésbica pois, ao fazer a seleção dos textos nas plataformas citadas, procuramos – a partir das categorias e dos mecanismos de busca – por livros cujo enredo tratasse de uma história de amor entre mulheres, dado nosso objetivo de pensar os modos de viver o amor lésbico que estariam sendo constituídos nos discursos da literatura virtual. Além disso, destacamos que as escritoras de todos os livros selecionados se identificam em suas páginas como mulheres e grande parte delas tem outras obras literárias publicadas cujo foco é a experiência lésbica.

A partir de uma série de critérios – destaque no *ranking* da categoria romance lésbico (mecanismo do *Amazon Kindle*), número de visualizações (mecanismo do *Wattpad*), foco na temática do amor, enredo contextualizado no Brasil, limitação do número de páginas e de capítulos e coerência textual –, selecionamos sete textos literários, sendo três da plataforma *Wattpad* e quatro do *Amazon Kindle*. São eles: *A Afilhada*, de Lorak (2020), *30 dias com ela*, de Larsen (2022), *Acosos da vida*, de

Fernandes (2019) e *Apague a luz*, de Azevedo (2022), *Algo a mais*, de Meziat (2022), *A garota dos meus sonhos*, de Gumz (2022) e *Noturnas e Natalinas*, de Landre (2021).³

Os textos foram analisados em sua dimensão discursiva, a partir de procedimentos foucaultianos de análise do discurso. Entendendo o discurso em sua emergência histórica, para Foucault (1972), cada enunciado é um acontecimento discursivo que foi possível aparecer em determinado contexto temporal e espacial. Assim, “trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de seu acontecimento; de determinar as condições de existência, de fixar seus limites de forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado” (FOUCAULT, 1972, p. 39).

O enunciado, em Foucault (1972), não é um sinônimo para um ato de linguagem, uma frase, um texto, uma fala. O enunciado é a função enunciativa que permite que esses atos de linguagem sejam proferidos ou escritos, a partir do que faz ou não parte da ordem discursiva vigente em determinada sociedade. Assim, nosso exercício de análise foi o de buscar nos excertos dos livros estudados os enunciados em funcionamento, ou seja, enunciados que permitiram a constituição desses excertos. Dentre outros, encontramos funcionando um enunciado que entende o amor lésbico enquanto um amor-erótico, e é acerca desse enunciado que será feita nossa abordagem neste artigo.

Antes, porém, de passar à análise do enunciado supracitado, importa abarcarmos algumas noções teóricas que dizem respeito ao amor, ao erótico e à experiência lésbica.

³ Nos textos publicados na plataforma *Wattpad* a data disponibilizada é a da última atualização feita no livro. No caso do *Amazon Kindle*, a data disponibilizada pela plataforma é a da primeira publicação, não constando datas das atualizações subsequentes.

O amor-erótico e a experiência lésbica

A palavra “erótico” tem sua origem no grego antigo e se refere ao deus Eros, que é o deus do amor e do desejo, aquele que lança mão de suas flechas para despertar o amor. A partir disso, já é possível pautar a vinculação entre “amor” e “erótico” na construção linguística desses dois termos. Posteriormente, no entanto, na dinamicidade da língua, as palavras foram se tornando carregadas de significados distintos.

No Dicionário Online Priberam, a primeira definição da palavra amor é “sentimento que induz a aproximar, a proteger ou a conservar a pessoa pela qual se sente afeição ou atração; grande afeição ou afinidade forte por outra pessoa”⁴. Somente na terceira definição é que aparece alguma vinculação com a prática sexual e, mesmo assim, relativizando a ligação entre amor e sexo ao apontar que a ligação afetiva do amor “geralmente” inclui o sexo. Já a palavra “erótico”, no mesmo dicionário, é entendida como “adjetivo do amor sensual”, além de sinônimo para as palavras “libidinoso” e “licencioso”. Na contemporaneidade, portanto, a palavra “erótico” – quando se associa ao amor – parece se vincular a um tipo específico de amor, voltado à sensualidade, à sexualidade, podendo, em alguns casos, até mesmo ser visto como dissociado do sentimento

Gostaríamos, no entanto, de retornar ao sentido antigo da palavra “erótico”, ou melhor, a erótica, enquanto uma forma de ética posta em prática por homens da antiguidade clássica. Como aponta Foucault (2014a), a erótica (como forma ética de amar) que vai emergir nos primeiros séculos da Era Comum, no contexto greco-romano, está embasada no vínculo heterossexual entre um homem e uma mulher por meio do casamento. Ainda que, em boa parte da antiguidade clássica, as técnicas de si próprias da erótica tenham sido voltadas aos vínculos de amor/amizade entre os homens, quando os textos filosóficos passam a dar foco à erótica do casamento com as mulheres, não há uma compreensão da mulher como sujeito equiparado ao homem. A erótica, portanto,

⁴ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/amor>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

enquanto um exercício ético, continua a ser fundamentalmente masculina e estabelecida entre sujeitos que não estão em uma posição de igualdade.

Ainda conforme Foucault (2014a), uma das características da erótica greco-romana é a temperança e a limitação dos prazeres sexuais enquanto exercício ético de virilidade. Posteriormente, com a pastoral cristã, a questão do sexo também é colocada em um jogo de verificação que estabelece determinadas práticas como não aceitáveis e limita o ato sexual (a frequência, o que pode ser feito, com quem, etc.). Foucault (2020) se debruça mais nessa discussão em *História da Sexualidade*, volume 4, ao tratar da Europa nos primeiros séculos do cristianismo.

A partir de nossas leituras, evidenciou-se que uma coisa em comum entre Medievais e os Antigos no Ocidente é a responsabilidade do homem em limitar o sexo, e em restringir o erótico das e nas mulheres. Quando avançamos para a Modernidade, passa a vigorar menos um poder pastoral e mais um poder disciplinar e biopolítico sobre os corpos. O avanço da medicina e da psiquiatria faz com que se continue, embora de outras maneiras, a colocar homens no papel de limitadores do sexual e também do erótico nas mulheres. Exemplo disso é a histerização do corpo da mulher, abordada por Foucault (2017). Conforme aponta o autor, o corpo das mulheres foi tido como objeto do saber médico e considerado como um corpo cuja sexualidade é exacerbada. Assim, um corpo passível de intervenções para se encaixar na posição social materna, de cuidado com a família e com os filhos.

E, nesse sentido, algumas autoras vêm questionar a ação masculina sobre o nosso erótico e chamar as mulheres para valorizar em si esse recurso – exemplos disso são Audre Lorde (2021) e Adrienne Rich (2019). Para a primeira, o erótico é um recurso que faz parte da experiência das mulheres e tem sido historicamente combatido e desvalorizado – não somente pelos homens, mas também por nós mesmas, que fomos educadas para ver o erótico como inferior ou indigno. Frequentemente, portanto, os discursos misturam o “erótico” com o “pornográfico”, aproximando duas noções que, para a autora, são contrárias. Isso pois Lorde (2021) define o erótico como “sentimento

íntimo de satisfação” (LORDE, 2021, p. 68) e algo que “diz respeito à intensidade e à completude do que sentimos no fazer” (LORDE, 2021, p. 69). A autora argumenta, também, que, embora o erótico possa ser pensado na experiência sexual, ele pode ser pensado em outras áreas e aspectos de nossas vidas.

O erótico seria, nesse sentido, um compartilhamento íntimo do gozo (que pode ou não ser físico). É uma conexão não apenas com outra pessoa, mas consigo mesma – com as capacidades que temos de sentir. Se historicamente fomos ensinadas a não compartilhar o erótico com outras mulheres, Lorde (2021) irá chamar atenção justamente para a potência de fazê-lo. No mesmo sentido, Rich (2019) argumenta que a paixão entre as mulheres, que historicamente resistiu ao julgo dos homens, é basilar para a existência lésbica e inclui uma sensualidade erótica que foi continuamente apagada.

A partir das discussões das duas autoras, parece-nos que, frequentemente, o erótico da mulher é visibilizado na medida em que inclui o homem. A literatura virtual lésbica que analisamos – assim como outras iniciativas constituídas por mulheres, como a própria escrita literária das duas autoras citadas no parágrafo anterior – vão na contramão desse discurso, fazendo circular outros enunciados, dentre eles o de que o amor lésbico é, sim, um amor-erótico. Aqui, ao falar de erótico, falamos não apenas de uma manifestação sexual do amor, mas também dela.

Pedagogias de um amor-erótico lésbico nos discursos da literatura virtual

O amor-erótico lésbico aparece nos excertos dos livros analisados como um amor que é arrebatamento, que é enamoramento, que é irrefreável, que é fantasia, que é desejo e que é, também, sexo. Dos sete livros que compuseram nossa pesquisa, quatro deles têm conteúdo sexual mais descritivo, com as relações sexuais sendo narradas com minúcias: *A Afilhada*, de Lorak (2020), *30 dias com ela*, de Larsen (2022), *Acasos da vida*, de Fernandes (2019) e *Apague a luz*, de Azevedo (2022). Nestes, o ato sexual

entre o casal protagonista se dá na forma de um “tesão” incontrolável, como se as personagens não pudessem resistir uma a outra. A seguir, trazemos quatro excertos nessa perspectiva – um de cada livro:

— Estou louca pra sentir teu gosto...

Ao ouvir aquela frase lasciva, senti meu corpo tremer de tesão e minha respiração ficou cada vez mais arfante. Não lembrava de já ter sentido tanto tesão assim na minha vida. Júlia passou a beijar toda a extensão da minha barriga, enquanto apalpava minhas coxas. Em seguida, desceu a boca até elas e deu vários beijos molhados na parte interna de cada coxa, me encarando com o olhar inflamado. Eu sustentei seu olhar e isso me deixou com mais tesão ainda. Se ela continuasse me excitando daquele jeito, era capaz de gozar sem que ela precisasse me tocar a intimidade... Era uma loucura o que estava acontecendo ali! (LORAK, 2020).⁵

Uma das mãos de Pilar deslizou por seu ombro puxando o fino casaco para baixo, enquanto ela depositava leves beijos em seu pescoço e logo no ombro também. Alex arfava de olhos fechados enquanto sentia o toque dela se tornar mais forte e a sua respiração mais descompassada. Apertava os braços dela enquanto seu desejo era chupar Pilar sobre a ilha da cozinha (AZEVEDO, 2022, p. 103).

Empurrando meu quadril contra sua boca, arfei sentindo minha umidade se transferir para o seu rosto retorcido pela satisfação e escorrer ao redor dos seus lábios. Emitindo um som incompreensível e apertando mais o meu quadril, ela empurrou minhas pernas contra seus ombros, seu dedo brincando com minhas dobras lubrificadas habilmente, me penetrando de forma lenta e forte (LARSEN, 2022).

Sem pestanejar, Ivana deu alguns tapas no bumbum da moça o suficiente para deixá-lo avermelhado e levemente dolorido. Pâmela adorou aquilo e então, começou a rebolar devagar e aos poucos, tornou-se mais intenso. Mais forte. Mais rápido. Era possível ouvir gemidos altos provirem do quarto. Naquele momento, Ivana agradeceu pela moça morar sozinha. Enquanto massageava seu clitóris extremamente sensível, a garota continuava remexendo o quadril rapidamente e não demorou para que alcançasse o clímax daquele momento tão erótico, gostoso e sensual (FERNANDES, 2019).

No primeiro excerto, temos a protagonista de Lorak (2020) não conseguindo resistir à sedução da própria afilhada, que a leva para a cama e a excita profundamente.

⁵ Nos livros publicados no *Wattpad* não há número de páginas, de forma que não é possível informar esse dado na referência da citação. Também cabe informar que os excertos retirados dos livros foram citados da mesma forma como estão presentes nas obras, sem alterações ou correções de possíveis desvios às normas gramaticais.

Os toques, os olhares, a conexão, tudo cria um contexto tão estimulante para Jaqueline que ela se vê completamente envolvida pelo prazer que sente junto à outra mulher. Essa mesma perspectiva de inevitabilidade aparece em *Apague a luz*, quando Pilar seduz a esposa e a leva a sentir tanto prazer e excitação que Alex já não se importa com o cômodo da casa em que estão, querendo tocar e sentir sua esposa de qualquer maneira. Cabe ressaltar, inclusive, que em várias passagens do romance de Azevedo (2022) o desejo de Alex por Pilar é tão latente que, mesmo estando chateada ou brigando com a esposa, a personagem se deixa levar e as duas acabam fazendo sexo.

Em *30 dias com ela*, o ato sexual também é descrito como um momento de extremo prazer e satisfação, que, a partir da habilidade de Mônica em tocar o corpo feminino e do apelo que ela causa em sua parceira, leva Lídia ao orgasmo. A habilidade sexual e a chegada ao clímax também aparecem no excerto supracitado de *Acasos da vida*, no qual Pâmela se entrega ao ato sexual, geme audivelmente e experimenta um prazer intenso com a sua parceira. Em todos os excertos, é perceptível o quanto o ato sexual lésbico é satisfatório para as mulheres envolvidas, com um prazer sempre descrito em uma profundidade que faz ofegar, gemer e gozar. A narrativa, portanto, contraria um discurso socialmente difundido de que o sexo lésbico seria insuficiente ou até inosso devido à ausência do pênis. Há quem considere, inclusive, que a relação sexual entre mulheres não poderia ser considerado sexo completo e estaria na categoria de “preliminar”. Adriana Azevedo (2020), nesse sentido, aponta que há uma ilegitimidade em relação às lésbicas e às suas relações de modo que, historicamente e até a atualidade, “fora da lógica falocêntrica e androcêntrica, não é possível imaginar a possibilidade de o sexo existir” (AZEVEDO, 2020, p.306).

A lógica de que o prazer lésbico seria clitoriano, infantil e menor do que o prazer que uma mulher poderia ter com um homem se fortificou muito a partir das teorias freudianas. A lésbica Vange Leonel (2001), em um de seus ensaios, relata que, a partir de Freud, passou a se argumentar que existiria uma superioridade do orgasmo vaginal em relação ao clitoriano. A explicação de Leonel (2001) acerca disso é que tal

superioridade do orgasmo vaginal é mitológica e refutada, entre outros fatores, pelo fato de que o chamado “gozo vaginal nada mais é do que o clitóris sendo estimulado por dentro” (LEONEL, 2001, p. 65). A autora argumenta ainda que as tentativas masculinas de desvalorizar o gozo clitoriano ocorrem pois existe um receio frente ao prazer da mulher que se manifesta. O gozo clitoriano, nesse sentido, seria um gozo “ativo”, “visível”, “para fora” e, portanto, um gozo considerado próprio do masculino e impróprio para as mulheres.

Em direção semelhante, Rich (2019) esclarece como se difunde em nossa sociedade um pensamento de que a lésbica é apenas lésbica porque sofreu uma experiência abusiva com um homem e não porque, de fato, sente, ama e goza com outras mulheres. Trata-se de um discurso que retira da experiência lésbica o seu potencial erótico e é justamente a retomada desse potencial que é feita pela literatura virtual lésbica (não só nela, evidentemente, mas também nela). Isso pois não só o sexo lésbico aparece como algo prazeroso, intenso e suficiente nos discursos desses textos literários, mas como, inclusive, algo superior ao sexo heterossexual. Parte das personagens mencionam já ter se envolvido com homens anteriormente e, ainda assim, quando descrevem o ato sexual vivenciado com seu par romântico no livro, deixam nítido que a experiência lhe causou sensações profundas e que não foram vivenciadas anteriormente em outras relações sexuais.

Em *A Afilhada*, Jaqueline – que antes de Júlia só teve relações com homens – diz, no contexto de uma relação sexual, que a afilhada lhe faz sentir coisas nunca antes sentidas e que o jeito como a outra a penetra é algo bom e que apenas Júlia sabe fazer, ou seja, explicita que a parceira lhe dá prazer de uma forma que os homens não deram. Não apenas o ato sexual é recorrentemente narrado como melhor do que qualquer coisa já experimentada pelas personagens, como também é narrado como melhor do que qualquer fantasia que elas já tiveram.

Vê-se, portanto, que a literatura virtual lésbica vem engendrando resistências ao que Rich (2019) designa como forças sociais que “arrancam as energias emocionais e

eróticas” (RICH, 2019, p. 43). Mesmo nos livros que não descrevem cenas de sexo (ou o fazem de maneira breve e sem muito aprofundamento), essa perspectiva de sentimentos de prazer e excitação também aparece para falar de toques e beijos.

É uma estratégia adotada por Gumz (2022) e Meziat (2022), que lidam com personagens ainda em idade escolar e, nesse sentido, não constroem uma narrativa que acentue o ato sexual, colocado nos livros de forma mais subjetiva. O enunciado de um amor lésbico como amor-erótico, no entanto, funciona ainda que não se esteja falando de uma relação sexual em si. Por exemplo, na cena a seguir de *A Garota dos meus sonhos*, na qual a personagem Bianca sente todas as faíscas e o prazer do contato físico, causando-lhe suspiros, estremecimentos e sensação de urgência ao tocar Alice:

Os nossos corpos se encaixam como se tivessem sido criados sob medida e ela desce os dedos pelas minhas costas, até a cintura, onde me aperta e me pressiona contra ela. Faíscas explodem em cada pedaço de mim que ela toca e busco sua boca com maior urgência, pouco antes de interromper o beijo dando uma mordidinha em seu lábio inferior, apenas para conseguir respirar (GUMZ, 2022, p. 45).

É possível ver, nesse sentido, a função enunciativa do amor lésbico como amor-erótico funcionar em excertos que falam de toques, de um contato entre duas mulheres que ainda não é exatamente sexual, mas que já fantasia sobre o ato porvir. Toques que excitam, que são prazerosos também, que seduzem e levam as personagens a estarem excitadas uma pela outra são o que ocorre nos quatro excertos a seguir, pertencentes aos livros de Larsen (2022), Meziat (2022) e Landre (2021).

Com o livro já esquecido, seu olhar atento analisava cada movimento do meu corpo, me fazendo engolir em seco com a atenção, e me forçando a acelerar o processo. Sua mão sobre meu joelho, testava a minha sanidade e o meu autocontrole de forma petulante, desde que me acomodei sobre seu tórax, com a única e exclusiva intenção de ajudá-la com a dor. Respirando fundo, tento ignorar o fato de que seus dedos começaram a subir e descer pela extensão da minha coxa, hora ou outra dando um leve e imperceptível aperto (LARSEN, 2022).

Aysha trincou o maxilar quando sentiu o pincel em sua pele, dessa vez em sua bochecha, puxando o blush mais para cima. Pra destacar a maçã do rosto, Mariana já lhe dissera tantas vezes, repetindo o mesmo movimento. Ela observou enquanto Mariana pintava sua pele. Aysha evitava se mover ou respirar muito forte, como se qualquer ação pudesse estragar aquele momento sensível. Sua garganta estava seca. Por um segundo, pôde jurar que viu Mariana passando o olhar por sua boca. Mariana sorriu quando terminou. — Tá linda — Mariana disse. Ao se afastar, Aysha voltou a respirar normalmente. — Mais ainda, né (Meziat, 2022, p. 33).

Elas se afastaram apenas um milímetro, ambas de olhos abertos, até que Lucíola fechou os dela e tentou de novo. Dessa vez, não foi nada repulsivo. A boca de Lucíola não era quente (como seria?), mas seus lábios eram cheios e... bem, era uma boca. Uma boa boca. Uma boca excelente. E ela sabia muito bem como movimentá-la de uma forma que provocasse Geraldina a buscar por mais, a entreabrir os lábios, fechar os olhos e segurar a nuca dela. Elas estavam pressionadas uma contra a outra e havia algo perigoso, tão quente quanto fogo, alastrando-se entre as duas. Fogo era fatal para vampiros. Era o que o tornava tão inebriante (LANDRE, 2021, p. 45).

Pode-se ver, assim, um envolvimento entre as personagens que é pautado pelo contato físico, mas que não corresponde a uma relação sexual. É possível compreender, porém, que a ideia de um amor-erótico ultrapassa a noção de sexo – e que o próprio conceito do que é ou não sexo não é universalmente pré-estabelecido. Por muito tempo – e para algumas pessoas, até hoje –, a própria relação sexual lésbica não foi considerada sexo.

Ainda que os discursos sobre o erótico e sobre o sexo venham sendo vinculados a concepções genitalistas de que só existe prazer sexual se há troca de toques físicos nas genitálias, Foucault (2014b) argumenta que nosso corpo abre possibilidade para criações e experimentações múltiplas de prazer, para além de uma visão limitada das partes do corpo que são sexuais (ou eróticas) enquanto outras não. Toques e conexões vivenciadas por nossos corpos – mesmo que não sejam aquilo que tradicionalmente chamamos de “sexo” – carregam grande potencial erótico. A própria experiência lésbica com o sexo, como já mencionamos, foge ao entendimento hegemônico do que é o sexo. Azevedo (2020), nesse sentido, falará em corpos que se

atritam, que se friccionam em uma potência erótica outra, fundamentada em um prazer mútuo.

Cabe ressaltar, também, que esses excertos dos livros baseados em conexões físicas e/ou prazer sexual estão diretamente vinculados ao amor. É um enunciado do amor lésbico como amor-erótico em vigência. Ao longo dos livros analisados, esses casais de mulheres não estão apenas fazendo sexo casual, pelo contrário, elas estão se apaixonando uma pela outra, construindo um amor juntas, um relacionamento.

A separação entre amor e sexo, discurso que por vezes circula em nossa sociedade, não se dá nessas obras literárias. O amor lésbico aparece como amor-erótico na medida em que os toques, a excitação, o interesse sexual, o prazer, tudo isso aparece vinculado ao amor que as personagens sentem uma pela outra. A seguir, por exemplo, temos um excerto de *A Afilhada*, no qual a personagem Júlia declara seu amor durante uma relação sexual:

Logo depois que relaxei na cama, arfante, após o gozo enérgico, Júlia me acarinhou o rosto com seus dedos finos e sorriu, me olhando no fundo dos olhos. Poderia ler-se o mundo naquele olhar encantador. Em seguida, sua boca pousou no canto da minha boca num beijo suave e, ao se afastar, ela declarou:

— Eu te amo mesmo... (LORAK, 2020).

Em *30 dias com ela*, também é vivendo um ato sexual que Lídia reflete sobre seu amor por Mônica. No excerto a seguir, a entrega e o envolvimento da personagem no sexo parecem ser diretamente proporcionais à sua própria percepção do quanto Mônica é importante para ela, o quanto ela ama a outra garota.

Seu rosto e boca ainda estavam mergulhados na minha fenda encharcada, seus olhos semicerrados como se estivessem se esforçando para não perder cada lampejo de reação que cruzava o meu rosto. A simples visão fez meu coração saltar contra meu peito e minhas pernas tremerem. Não me preocupei em censurar o gemido dessa vez, permiti que ele soasse por todo o cômodo, me ocupando unicamente em me desfazer montada na boca da garota que abalou todo o meu mundo e despiu todas as certezas que achei que possuía. A garota que agora sei que amo mais do que deveria (LARSEN, 2022).

A mesma lógica se evidencia no excerto de Meziat (2022).

Mariana repetiu os movimentos que Aysha fazia há uns minutos e a olhava, de vez em quando, para ver se estava tudo bem, se havia algum sinal de que ela queria parar. Tudo que via era Aysha de olhos fechados, e a sentia puxando suavemente a raiz de seu cabelo como sinal de aprovação. Aysha também já tinha transado com outras pessoas, mas nada como aquilo. Naquele dia, ela e Mariana não foram muito longe. Onde elas chegaram, porém, já era um grande avanço. Aysha nunca se sentira tão confortável com alguém. Ao contrário do que imaginava, não se sentiu mal quando as alças de seu vestido deslizaram, revelando apenas uma parte de suas inseguranças. O jeito que Mariana a olhava era tão revelador que ela não sentiu um pingão de incômodo. Apenas calor — não só do jeito sexual, mas humano. Porque ela finalmente se sentia reconhecida como mais do que um corpo. Isso era uma coisa que ela sabia, e esperava, que teria com alguém. Ela só não sabia que poderia ter agora (MEZIAT, 2022, p. 89).

Em *Algo a mais*, comparando sua relação com Mariana com seu relacionamento anterior com um garoto, Aysha argumenta que o ato sexual com Mariana a fez sentir um “calor humano” e que estava sendo tratada e vista como “mais do que um corpo”. Nessa lógica, a personagem sente que o amor (e o sexo) lésbico é um amor que não a objetifica sexualmente. De forma geral, na lógica do amor heterossexual existe uma exploração do erótico das mulheres por parte dos homens. Jónasdóttir (2011) explica que o poder do amor das mulheres, enquanto capacidade humana, é explorado no aspecto erótico e no aspecto do cuidado, ambos presentes no amor heterossexual. Em uma tradução livre, a autora afirma que “a mulher é forçada a comprometer-se com o cuidado amoroso para que o homem possa ser capaz de viver e experimentar o êxtase” (JÓNASDÓTTIR, 2011, p. 265). A mulher, então, vai se ver privada do êxtase erótico. Pensar essa questão é nos permitir compreender a função utilitária que a mulher parece ter para o homem na experiência sexual: mais objeto do que ser humano – como dá a entender Aysha em *Algo a mais*. O sexo assume um caráter de serviço prestado e, enquanto serviço, retira da mulher a potência do erótico. O sexo lésbico, de outra forma, devolve à personagem essa potência.

Outro ponto que cabe demarcar, quando se fala da questão sexual nos livros analisados, é o fato de que no narrar da relação sexual pode aparecer um discurso de posse – uma lógica de pertencimento, de possuir ou de ser possuída pela outra mulher. É preciso ressaltar o quanto esse discurso de posse se entremeia no enunciado do amor-erótico. Sabemos que nenhum enunciado funciona sozinho, sempre há outros enunciados em relação com ele, no que Foucault (1972) chama de domínio associado (uma propriedade da função enunciativa). Assim, falas como “eu desejo você”, “eu tenho prazer com você” e mesmo “eu amo você” são recorrentemente associadas à expressão: “você é minha”. Em *A Afilhada*, ao transar com Júlia e sentir tanto prazer com ela, Jaqueline vai chamá-la de “dona do seu prazer”. Causar prazer na outra pessoa, nesse sentido, entra na lógica de possuir esse prazer causado, como é narrado no trecho:

Não tive mais como fugir. Estava entregue às carícias de Júlia e o que me restou foi fechar os olhos e me deleitar com a sensação indescritível de tê-la me tocando a intimidade. Permaneceu com o contato íntimo e libidinoso o tempo necessário para me arrancar do ventre um orgasmo enérgico e demorado. Depois que soube do casamento de Júlia jamais imaginei que fosse sentir prazer daquela intensidade outra vez, porque somente ela me fazia senti-lo daquela forma e eu pensava que nunca mais nos envolveríamos de novo. Cheguei a uma péssima conclusão: Júlia era a verdadeira dona do meu prazer e isso me angustiou posto que tinha um relacionamento com Fernando e não com ela. Pensei que nunca mais a fosse senti-la em mim novamente (LORAK, 2020).

O romance de Azevedo (2022) é aquele no qual o sexo é utilizado de forma mais significativa para indicar posse, pertencimento e dependência do amor-erótico, de todos os livros analisados em nossa pesquisa. No decorrer de *Apague a Luz*, a protagonista Pilar usa constantemente o sexo para garantir que sua esposa Alex não termine o casamento. Sabendo que Alex está insatisfeita e que as duas estão brigando constantemente, Pilar tenta várias vezes “fazer as pazes” usando o apelo sexual que tem sobre sua parceira, para, deste modo, não a perder. Em um dado momento, quando Alex tenta terminar a relação e sai com uma ex-namorada, se desenvolve a cena a seguir:

— Você está bêbada, Pilar! Veio dirigindo? — a fala era de preocupação.
— Não vim, e estou sim, mas não o suficiente pra não te beijar, não te amar, eu te quero! Eu amo você, Alex, eu te quero! Quero minha mulher. — ela falou beijando Alex sem dar tempo para que ela falasse nada.
A porta foi fechada e Alex foi empurrada contra ela, um suspiro saiu de seus lábios enquanto a mão de Pilar descia para acariciar um de seus seios arrancando um gemido dela, a mão desceu e parou entre as pernas de seu amor, não demorou para avançar contra a calcinha e mover os dedos delicadamente sobre seu clitóris (AZEVEDO, 2022, p. 65).

Nesse excerto, Pilar vê a amiga (e ex-namorada) de Alex e a própria Alex entrarem juntas em uma casa. Alcoolizada, Pilar está seguindo e vigiando a própria esposa e, no meio da madrugada, bate à porta do local onde Alex está, propondo de imediato um ato sexual, que visa garantir que a esposa continue com ela. “Quero a minha mulher”, ela chega a argumentar, dando ênfase ao pronome possessivo, antes de iniciar uma relação sexual com a esposa.

Tendo tratado até aqui do contato físico e/ou sexual e suas relações com o amor lésbico, nós gostaríamos de passar a uma outra dimensão da função enunciativa do amor lésbico como amor-erótico que não passa necessariamente por esse aspecto físico, mas que se relaciona com o conceito de “erótico” debatido no início desta seção. Entendemos, nesse sentido, que uma das características dessa função enunciativa é a ideia de que o amor lésbico é erótico na medida em que passa por um enamoramento, um arrebatamento irresistível que uma mulher sente quando conhece outra. Um interesse, uma atração que envolve um despertar para o amor.

Logo que conhece Júlia, por exemplo, Jaqueline se sente perturbada pela sedução da afilhada, pelas sensações que a moça lhe causa e que são incontroláveis:

Rapidamente, ela se levantou e foi buscar uma toalha para mim. Ao invés de entregá-la em minhas mãos, ela a pôs a toalha grande e felpuda em meus ombros, esfregou suas mãos em meus braços e sussurrou em meu ouvido:
— Espero que ela sirva para te aquecer...
Sentir aquele hálito quente, aquela voz feminina e macia ao pé do meu ouvido me fez estremecer ainda mais. Os pelos do meu corpo se arrepiaram mais ainda e meu coração saltitou dentro do peito. Era uma loucura o que ela me fez sentir. Aquilo me deixou bastante perturbada (LORAK, 2020).

Da mesma forma, Lídia, de *30 dias com ela*, ao assistir a sua amiga Mônica pela câmera – sem nem mesmo tê-la visto pessoalmente ainda –, se sente tão arrebatada e impactada pelos próprios sentimentos que chega a cair da cadeira:

Seu cabelo rebelde, longo e flamejante, tinha vida própria, e tomava todo o enquadramento da câmera, exibindo majestosamente os cachos que ela tanto se esforçava em tentar inutilmente domá-los da forma que queria. Assim que ela me visualizou naquele dia, também tomando sua tela por inteiro, Mônica expôs para quem quisesse apreciar, um sorriso, um lindo sorriso cheio de dentes, que naquele dia me fez desabar da cadeira (LARSEN, 2022).

Mariana, do livro *Algo a mais*, se sente destinada a se apaixonar por sua amiga Aysha, sem ter escolhas quanto a esse sentimento carregado de inevitabilidade:

Depois daquele beijo, Mariana percebeu que o poder de escolha era um mito. Ela nunca teve uma escolha. Estava fadada a se apaixonar por Aysha desde o momento em que a viu, sentada na sala de aula enquanto fazia anotações, com os óculos levemente caídos no nariz (MEZIAT, 2022, p. 51).

É possível compreender, portanto, que esse amor-erótico entra em discurso nos livros de literatura virtual lésbica como um amor arrebatador, que chega tomando as personagens por completo e sobre o qual elas não têm qualquer poder de decisão. Nesse ponto, não se vê um distanciamento significativo entre o amor lésbico e o amor heterossexual, pois ambos estão atrelados a essa lógica do arrebatamento e de que o amor chega a nós sem que nós queiramos. A autora bell hooks (2020)⁶ aborda esse discurso argumentando que ver o amor como algo sobre o que não temos a capacidade de escolher seria problemático e ilusório.

A autora aponta, ainda, que essa ideia de que “caímos de amor ao nos apaixonarmos, de que não temos escolha e decisão quando escolhemos um parceiro

⁶ A autora bell hooks nomeou a si mesma a partir do referido pseudônimo, grafado deste modo, com letras minúsculas. Portanto, manteremos a decisão da autora ao fazer as citações, com exceção de quando as normas exigem todas as letras do sobrenome do(a) autor(a) citado(a) em caixa alta.

porque, quando existe química, quando há um clique, simplesmente acontece – somos subjugados – perdemos o controle” (HOOKS, 2020, p. 201) é um discurso que muito beneficia os homens, que garantem um amor incondicional das mulheres e não precisam refletir sobre os próprios sentimentos. Em um contexto de amor lésbico, no entanto, talvez isso assuma uma característica diferente, pois não parece que essas sensações de arrebatamento levam a um amor sem esforço. Entendemos que esse arrebatamento faça parte do amor-erótico na medida em que se atrela às sensações múltiplas e intensas que as personagens causam umas nas outras. O arrebatamento, nesse sentido, pode estar vinculado, ainda, ao ato de descobrir o prazer e o erótico vivenciado entre as mulheres, dado que, muitas vezes, as personagens narram seus sentimentos como algo novo e incontrolável. A expectativa do contato, a expectativa do prazer, da conexão, tem uma potência erótica que não necessariamente se vincula a uma prática irrefletida. O que não quer dizer que as mulheres, em uma relação lésbica, estejam livres de tecnologias de poder pautadas na heterossexualidade. Ao contrário, pode existir, na experiência lésbica, formas de amor-erótico que estão vinculadas as formas hegemônicas (e heterossexuais) de amar.

Pela questão da “expectativa”, esse amor-erótico que chega e causa sensações irrefreáveis de atração e apaixonamento está vinculado aos sentimentos de nervosismo, ao famoso “frio na barriga”, às tais “borboletas no estômago”, à certa ansiedade quando nos encontramos com a pessoa amada. Esse é um discurso muito recorrente, que aparece em quase todos os livros analisados.

Em *30 dias com ela*, por exemplo, Lídia narra, logo que conhece pessoalmente Mônica, que até então era sua amiga virtual:

A mesma sensação que agora é devidamente identificada, como frio na barriga e que me acompanha nesse exato momento, enquanto meus ouvidos apuram cada chamada de embarque, buscando atentamente um anúncio que indique a chegada dela. Respirando fundo, esfrego uma mão na outra, tentando abafar meu nervosismo com a recapitulação dos acontecimentos recentes (LARSEN, 2022).

O mesmo ocorre com Pamela, que logo que reencontra a médica com quem já trabalhou anteriormente e inicia a troca de flertes com ela, não para de pensar em Ivana e tem a sensação de “borboletas no estômago” que viria do ato de se apaixonar:

— E a propósito, obrigada pelo elogio. Fazia um bom tempo que não ouvia algo do tipo — ambas se encararam. — Agora preciso ir. Tenho muita tarefa a ser feita, mas se precisar de algo, pode me procurar, ok?

A moça assentiu com a cabeça e ficou na porta, observando a médica adentrar o quarto do lado. Ficou ali, por alguns segundos, com um sorriso idiota estampando seu rosto. Por fim, balançou a cabeça em negação e voltou ao seu posto de trabalho. Ao sentar-se na poltrona, imersa novamente no silêncio daquele quarto, suspirou. Pensava consigo mesma no quanto Ivana estava atraente, bonita e questionou-se como nunca sequer havia reparado na mulher em sua época de estágio.

E lá estavam com a moça aquelas sensações estranhas de quando nos apaixonamos: sorriso idiota no rosto, a impressão de borboletas dançando no estômago, suspiros escapulindo por entre os lábios e, claro, lembrando cada palavra trocada com a médica (FERNANDES, 2019).

A sensação de nervosismo e perda de controle, causada pelo enamoramento, também fica visível em *A garota dos meus sonhos*. Nesse livro, quando Bianca narra seus sentimentos ao se encontrar com Alice, ela elenca “borboletas no estômago”, “o resto do mundo perdendo a relevância”, “pânico”, “deslumbre” e “tremores”:

— Tava com saudade, gatinha — Alice me abraça e sussurra de um jeito que me faz arrepiar. As pessoas superestimam os primeiros beijos, aquele velho clichê que sempre está aparecendo nos filmes e livros: Borboletas voando no estômago, o resto do mundo perdendo a relevância e tal. É o que acontece comigo toda vez em que ela me abraça (GUMZ, 2022, p. 5).

Um par de olhos cor de mel encontram os meus e meu sangue gela. Mesmo à distância, não tem como confundir. Estou encarando a garota dos meus sonhos. [...] Começo a tremer em um misto de pânico, deslumbre e mais pânico. Essa é uma colisão de dois universos paralelos para a qual não estou preparada. Já diria a maior que temos no Brasil: Pane no sistema, alguém me desconfigurou (GUMZ, 2022, p. 20-21).

Nos excertos discutidos neste artigo, não se está falando de um amor calmo, um amor que traz paz, tranquilidade ou segurança – o que não significa que

discursividades nesse sentido não apareçam nos livros analisados. Porém, aqui, nesses trechos relacionados à função enunciativa do amor lésbico como amor-erótico, se está falando de um amor que pode desestabilizar, que evoca sensações intensas capazes de levar ao prazer profundo e, ao mesmo tempo, pode levar ao pânico e à ansiedade.

O amor-erótico, por vezes, pode ser agitado ou inquieto. Ele desassossega, desequilibra, desorganiza e desestrutura o sujeito. Não vemos esse desequilíbrio como bom ou mal, cabe demarcar. O desequilíbrio faz parte da vida, das nossas construções enquanto sujeitos. O amor-erótico é um amor que abala, e essa desorganização possibilita inúmeras reorganizações posteriores, na potência criativa do erótico. Esse amor-erótico também está vinculado a certo jogo de sedução, de dizer aquilo que se deseja de forma indireta, de atíçar uma na outra a excitação, a vontade e a expectativa pelo que está por vir.

Na cena a seguir, retirada do romance *A Afilhada*, não somente as falas de Júlia, mas também a maneira como ela olha para sua madrinha, constituem essa sedução:

Sorri e coloquei o canudo da minha caipirinha entre os lábios e suguei o líquido, fitando-lhe os olhos. Ela me lançou um olhar tão penetrante, que me deixou bastante desconcertada. Então, desviei os olhos para o mar e ela continuou

— Soube que você se separou do meu padrinho..

— Foi. Faz mais ou menos um ano. — respondi voltando meu olhar em sua direção

— Uma pena... — ela comentou aparentando sinceridade.

— Foi melhor assim. Não estava mais dando certo.

— É. Tem homem que não sabe dar valor a mulher que tem... Júlia comentou e bebeu outro gole da cerveja sem tirar os olhos dos meus (LORAK, 2020).

De forma semelhante, em *Noturnas e Natalinas*, Lucíola seduz a outra vampira lhe lançando olhares, sorrindo para ela, beijando-a levemente para atíçar o desejo de beijos mais intensos. Em um trecho do livro, é narrado: “Lucíola sorria de modo provocativo, seus olhos desviando-se o tempo todo na direção de Geraldina” (LANDRE, 2021, p. 22).

Nesses últimos excertos, que tratam da questão da sedução, fala-se de um amor-erótico que ainda não se efetivou na forma de beijos, toques ou de um ato sexual, mas que já existe no nível da fantasia e do desejo.

Por fim, uma última discussão que gostaríamos de trazer neste artigo é algo recorrente em todos os livros lidos: o fato de que o amor-erótico está diretamente atrelado a um desejo pela feminilidade. Todas as personagens dos sete livros analisados são mulheres feminilizadas e, pelo que foi possível perceber no decorrer da nossa pesquisa, existe uma significativa invisibilidade de lésbicas desfeminizadas (desfem) na literatura virtual lésbica. Uma feminilidade que, cabe pontuar, também é majoritariamente branca, dado que, das quatorze protagonistas dos livros analisados, apenas três são negras: Lucíola (LANDRE, 2021), Pilar (AZEVEDO, 2022) e Mariana (Meziat, 2022).

Os excertos a seguir pretendem servir de base para essa discussão. No primeiro deles, temos uma cena ocorrida logo no início do livro *A Afilhada*, na qual Jaqueline se vê atraída por Júlia. Seu desejo se dá ao ver a moça de biquíni. A peça de banho feminina envolvendo o corpo da jovem desperta em Jaqueline o que ela classifica como “desejo incontrolável” e que culminou em várias “cenas eróticas” aparecendo em seus pensamentos:

Ocorre que observar o corpo de Júlia vestida em um biquíni minúsculo me fez sentir vontade de prová-lo! A verdade era essa: um desejo intenso, quase incontrolável, de senti-la em meu corpo tomou conta de mim! Foi inevitável começar a fantasiar com isso. Se Ana tivesse o poder de ler pensamentos me afogaria ali mesmo naquele mar pelo o que eu estava imaginando em fazer com a sua filha. Para de pensar isso, Jaque, pelo amor de Deus! (LORAK, 2020).

Também falando sobre peças íntimas, Lídia, de *30 dias com ela*, vê Mônica só de lingerie de renda branca. As peças seriam pouco usuais se comparadas às roupas utilizadas normalmente pela jovem. O tecido rendado e transparente faz com que Lídia repare nos quadris, nos seios e nos mamilos de Mônica, achando-a sensual:

Seu corpo abraçado por peças íntimas e nada mais, como sempre a via fazer, mas hoje, as roupas eram diferentes. A renda branca prendia delicadamente e contornava seus seios e quadris com maestria, dando-lhe ainda mais sensualidade. Reparando a minha presença e inspeção nada discreta, ela gritou tentando tapar as partes expostas do corpo, ganhando minha risada rouca em troca (LARSEN, 2022).

Em *Acasos da vida*, é a própria Pâmela quem presenteia Ivana com uma lingerie, indicando que deseja ver a parceira utilizando esse tipo de peça íntima. Ao ver Ivana tirar a roupa e expor seu corpo adornado pelo presente, Pâmela vê a outra mulher como “uma flor delicada”, que lhe desperta enorme desejo e “intensa energia sexual”. A feminilização de Ivana aparece não apenas no uso da referida lingerie, mas também nos cabelos longos nos quais Pâmela pode emaranhar os dedos, no vestido de zíper lateral e em outros detalhes que aparecem na narrativa.

A mulher aproximou-se de sua garota com um sorriso devasso nos lábios. A troca de olhares manteve-se intensa.

— Pensei que você gostaria de ver como ficou o seu presente em meu corpo... — arqueou uma sobrancelha.

Os lábios delicadamente volumosos de Pâmela tremiam, como se a moça pensasse em algo para murmurar. Sustentando os olhos castanhos da enfermeira, Ivana deslizou os dedos pelo tecido escuro do vestido, alcançando o zíper lateral, puxando-o para baixo, fazendo com que a vestimenta se afrouxasse em seu corpo e viesse ao chão. Os olhos da jovem faiscaram naquele momento. Enxergou Ivana como se a mulher fosse uma flor delicada se desabrochando, um presente tão almejado sendo desembrulhado (FERNANDES, 2019).

Em *Algo a mais*, também é um vestido roxo de seda que faz com que Aysha ache sua namorada Mariana uma “grande gostosa”:

— O que cê acha desse? — perguntou Mariana, olhando-se mais uma vez no espelho do quarto da mesma.

O vestido roxo de seda ressaltava seu corpo, o qual Aysha encarou sem vergonha. Ela desceu o olhar até suas panturrilhas definidas e o seu tênis da Fila branco.

— Acho que você ficou uma grande gostosa (MEZIAT, 2022, p. 116).

Ao narrar seus beijos com Alice (cuja feminilidade é demarcada por vários fatores na obra, incluindo sua constante vinculação e comparação com a cantora Taylor Swift), Bianca reforça em mais de uma passagem a presença do gloss labial usado pela namorada e o “sabor” que isso daria ao beijo. O uso da maquiagem, artefato socialmente vinculado à feminilidade, é algo que potencializa o desejo de Bianca, tornando melhor a troca de beijos com Alice.

Estamos muito perto agora e a vejo morder o lábio inferior, cheio de gloss, de um jeito que me faz lembrar de outra coisa. O beijo do amor verdadeiro. Foi o que Alice disse que deveríamos tentar e, embora tenha sido uma brincadeira, agora que sei que estamos conectadas por algum tipo de mágica, destino ou qualquer outra coisa que não pode ser explicada, parece um bom plano (GUMZ, 2022, p. 124).

Não só o uso de roupas, maquiagens, sapatos de salto alto e cabelos compridos é reforçado em várias passagens dos livros como sendo característica que torna as mulheres mais bonitas e desejáveis, como também a própria forma de descrever o corpo e o apelo sexual causado pela outra mulher é recorrentemente atrelado a elementos hegemonicamente vistos como femininos e que reforçam uma noção de feminilidade atrelada ao modelo cis-heterossexual. Por exemplo, as curvas acentuadas do corpo, a delicadeza, a suavidade, certa vulnerabilidade e “entrega” no momento da relação sexual, entre outros.

Talvez, a razão pela qual as personagens da literatura virtual lésbica estejam marcadas pela feminilidade venha de uma discriminação contra lésbicas desfem por parte das populações lésbicas. Não queremos dizer que as autoras lidas são pessoalmente contrárias às desfem, mas que talvez elas não encontrem o nicho literário para publicação de romances com mulheres desfeminizadas. Não podemos esquecer que o que permite que as autoras continuem escrevendo – sobretudo aquelas que publicam no *Amazon Kindle* – é o retorno financeiro. Em nossa imersão neste meio, percebemos que muitas mulheres vivem de seus *e-books*, e pode não fazer sentido para

elas publicar livros que não convergem às propostas mais lidas e consumidas nas plataformas on-line. Mas questionar o porquê de haver poucos livros com protagonistas desfem nas plataformas on-line e o porquê de eles não alcançarem números mais expressivos de leitura é questionar a própria invisibilidade e opressão contra mulheres desfeminizadas que ocorrem não apenas na sociedade em geral, mas também entre as lésbicas. Nesse sentido, gostaríamos de abordar a pesquisa de Facchini (2008), na qual parte das lésbicas com as quais a autora conversou demonstra preocupação em orientar seu comportamento e sua estética de forma a não deixar explícito a sua sexualidade e/ou não ser vinculada à sexualidade. Ser feminina e discreta é colocado como uma conduta importante por muitas mulheres, dada a maior aceitação gerada. Dessa forma, a autora chama atenção, por exemplo, para o fato de que os casais de mulheres que aparecem na TV aberta são quase sempre compostos por mulheres feminilizadas.

Porém, o trabalho de Facchini (2008) também evidenciou a predileção de parte das lésbicas por mulheres que a autora se refere, a partir de suas interlocutoras, como “masculinizadas” (e que aqui chamamos desfem). Algumas das mulheres entrevistadas apontam para a atração e o apelo que as desfeminizadas lhes causam. A partir do trabalho de Facchini (2008), pensamos que há um esforço significativo por parte das lésbicas em construir a imagem de mulheres desfem fora do estereótipo da lésbica desleixada, agressiva, feia e/ou pouco desejável. Pensamos, também, que importaria abarcar na literatura virtual lésbica o desejo e o erótico do qual essas mulheres desfem participam, seja com outras desfem, seja com mulheres feminilizadas.

Cabe ressaltar, ainda, que, nesses textos literários analisados, não apenas o desejo está orientado para a feminilidade, como também está orientado para uma estética corporal específica – magra, quase sempre branca e com características dentro do padrão mais aceito na sociedade (seios firmes e empinados, bumbum durinho e arrebitado, cintura fina e outras características comuns na descrição das personagens da literatura virtual lésbica). Entre as obras analisadas, as únicas duas personagens que fogem ao padrão estético da magreza são Aysha (de *Algo a mais*) e Geraldina (de

Noturnas e Natalinas). E somente em *Algo a mais* há a construção de uma cena na qual o desejo está orientado para a admiração de um corpo despadronizado:

Mariana fez questão de memorizar todos os seus traços, detalhes, sardas. Fez questão de apreciar tudo aquilo que Aysha mostrou, desde a sua pele macia e sua clavícula não exposta, até o seu peito caído com os mamilos não definidos. Uma das partes que, um dia, Aysha já quis tanto esconder. Aos olhos de Mariana, apenas uma de suas partes mais lindas. Ela beijou esse lugar em específico e foi convencida de que o som abafado que escapou da boca da outra foi um dos melhores que já tinha ouvido (MEZIAT, 2022, p. 90).

No excerto anterior, “peitos caídos” e “mamilos não definidos” são narrados como características bonitas, desejáveis, e não como defeitos, embora isso só seja feito por Mariana, pois a própria Aysha não tem o mesmo conforto em relação ao seu corpo. Quando Despentes (2016) comenta sobre a escrita literária, argumenta que a escrita masculina costuma descrever as mulheres a partir da feminilidade e de um modelo de mulher que atrai sexualmente os homens. Porém, mesmo na escrita de mulheres, as personagens costumam ser descritas como adequadas à feminilidade e aos padrões estéticos, em posição de serem desejadas. Em nosso ponto de vista, cabe problematizar, então, por que as mulheres desejáveis para nós, lésbicas, muitas vezes, mantêm características desejáveis para os homens. Os livros de literatura virtual lésbica estão cheios de mulheres sedutoras, com seios empinados, bumbuns durinhos, barrigas chapadas, bocas vermelhas, lingerie de renda, bocetas lisinhas cor de rosa, longos cabelos e sapatos altos.

Só podemos pensar que o mito da beleza também incide sobre nós, lésbicas. Esse mito de que a beleza está pautada em características universais a serem atingidas, o mito sobre o qual Naomi Wolf (2021) disserta e defende ser o aspecto da feminilidade que mais resiste na contemporaneidade, atuando no controle social dos nossos corpos. Ainda que a literatura lésbica – diferente do olhar masculinista – não construa uma visão da mulher como alguém que não é nada além de bonita, dando outras dimensões

às personagens, pensamos que esse mito, essa ficção, subjetiva a nós, lésbicas, orienta nosso desejo e limita a nossa potência erótica – a potência erótica do nosso amor.

Considerações Finais

Foi possível verificar funcionando na literatura virtual lésbica um enunciado que compreende o amor lésbico como um amor-erótico, ou seja, a experiência de amor vivenciada pelas personagens é permeada pelo desejo e pela atração e, muitas vezes, traduz-se no ato sexual. Compreender o amor lésbico em sua potência erótica é, de certo modo, ir contra os discursos heteronormativos que compreendem que o prazer da mulher está vinculado à relação sexual com o homem e que qualquer relacionamento lésbico seria inferior em termos de experiências de prazer físico, dada a ausência do pênis (e, conseqüentemente, de seu papel no sexo com penetração). O enunciado do amor lésbico como amor-erótico, em determinados aspectos, vai na contramão de um discurso hegemônico do amor romântico, no qual a mulher oferece seu cuidado e serviços (inclusive sexuais) ao homem. Compartilhar a potência do erótico umas com as outras é, de certa forma, um exercício de resistência.

Apesar disso, cabe ressaltar que esse amor lésbico como amor-erótico que aparece enquanto função enunciativa, constituindo os excertos dos textos literários estudados, também está vinculado a determinadas normas sociais. Pode-se ressaltar alguns elementos do amor romântico, como a lógica do arrebatamento, da dependência, de um sentimento que não se pode controlar, e até mesmo de certa noção de posse. Além disso, cabe ressaltar que os livros analisados falam de um desejo que se orienta para a feminilidade, de forma que em todos os livros a atração esteve relacionada a elementos socialmente reconhecidos como parte de uma expressão do feminino (como lingerie, maquiagem, cabelos compridos, vestidos, sapatos de salto alto, etc.). As lésbicas desfem estão, nesse sentido, invisibilizadas nessa literatura, ausentes desse lugar de pessoa amada e desejada. Assim, pode-se concluir, também, que a literatura

analisada veicula um modo de ser lésbica que, em alguns sentidos, serve à heteronormatividade na medida em que está fixa a lésbia a modelos de feminilidade.

Referências

AZEVEDO, Adriana. Corpo Atritável ou uma nova epistemologia do sexo. In: BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa. Pensamento Feminista Hoje: Sexualidades no Sul Global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 303-313.

AZEVEDO, Lara. **Apague a luz**. 2022. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Apague-luz-Lara-Azevedo-ebook/dp/B0BBLC27LJ>. Acesso em: 5 de novembro de 2022.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

FACCHINI, Regina. 2008. **Entre umas e outras**: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas.

FERNANDES, M. R. **Acasos da vida**. 2019. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/182742923-acasos-da-vida-completo>. Acesso em: 5 de novembro de 2022.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, v. III**: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos, v. IX**: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, v. I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, v. IV**: As confissões da carne. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GUMZ, Leo. **A garota dos meus sonhos**. 2022. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Garota-dos-meus-Sonhos-ebook/dp/B0BG34MJZJ>. Acesso em: 5 de novembro de 2022.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

JÓNASDÓTTIR, Anna. Qué classe de poder es “el poder del amor”? **Sociológica**, año 26, n. 74, p. 247-273, sep./dic., 2011.

LANDRE, Luisa. **Noturnas e Natalinas**. 2021. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Noturnas-natalinas-Luisa-Landre-ebook/dp/B09MDNW788>. Acesso em: 5 de novembro de 2022.

LARSEN, Vienna. **30 dias com ela**. 2022. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/317726336-30-dias-com-ela-%E2%9A%A2-%E2%9C%93>. Acesso em: 5 de novembro de 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 2011.

LEONEL, Vange. **Grrrls Garotas Iradas**. São Paulo: Edições GLS, 2021.

LORAK, N. **A afilhada**. 2020. Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/244975970-a-afilhada>. Acesso em: 5 de novembro de 2022.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MEZIAT, Isabel. **Algo a mais**. 2022. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Algo-Mais-Isabel-Meziat-ebook/dp/B0BC6CQ83W>. Acesso em: 5 de novembro de 2022.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A bolha, 2019.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

Lesbian love as erotic love:
discourses present in literary texts on Amazon Kindle and Wattpad

Abstract: In addition to renowned works and critically acclaimed writers, there are other forms of literature, some of them closely linked to entertainment. This is the case of virtual literature, that is, literary texts published on digital platforms and popularized from the internet. In this article, books are analyzed in e-book form, published by independent authors (without an editorial seal) on digital platforms – more specifically Amazon Kindle and Wattpad. The literary texts studied are part of a lesbian virtual literature, dealing with the theme of love between women. In this research, the discourses present in lesbian virtual literature were investigated in order to think which ways of loving are being constituted from the statements that make up the literary texts. A statement that understands lesbian love as an erotic love was found to be working, that is, a love that is linked to desire, attraction and also to sex.

Keywords: Virtual literature. Lesbian. Love. Erotic.

Recebido: 15/05/2023

Aceito: 20/03/2024